

EVANGELIZAÇÃO E JUVENTUDE

“fé e vida e discernimento vocacional”

Davi Rodrigues da Silva¹

O documento final da reunião pré-sinodal, realizada em roma entre 19 a 24 de março de 2018, em preparação ao sínodo da juventude, inicia dizendo que

os jovens de hoje encontram uma série de desafios e oportunidades externas e internas, muitas das quais são específicas de seus contextos individuais e algumas são comuns entre os continentes. À luz disso, é necessário para a Igreja examine o modo com o qual enxerga os jovens e se compromete com eles, de modo que seja um guia eficaz, relevante e vivificante no decorrer de suas vidas.

O jovem Davi Rodrigues da Silva, atual Secretário Nacional da Pastoral da Juventude representou a Igreja do Brasil nesta reunião. Considerando a importância desse evento para os jovens, para a Igreja e para a sociedade, a revista *Caminhando com o Itepa* decidiu entrevistá-lo e atribuiu esta tarefa ao Pe. Maicon Malacarne², presbítero da Diocese de Erechim e membro integrante da Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude.

-
- 1 Davi Rodrigues da Silva - Graduado em História pela Universidade de Passo Fundo/UPF. Estudante da Especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Foi coordenador da Pastoral da Juventude da arquidiocese de Passo Fundo, 2012 e 2013. Educador social na fundação beneficente Lucas Araújo de 2014 a 2017 em Passo Fundo. Atualmente, Secretário Nacional da Pastoral da Juventude
 - 2 Maicon André Malacarne - Padre da diocese de Erechim/RS. Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Pe. Berthier e em Teologia pelo ITEPA – Instituto de Teologia e Pastoral. Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Assessor nacional da Pastoral da Juventude de 2017 a 2019, integrando a Comissão Nacional de Assessores (CNAPJ).

Maicon: Davi, você representou a Igreja do Brasil na Reunião pré-sinodal em Roma, um dos momentos que antecederam o Sínodo da juventude, da fé e do discernimento vocacional. O que significou essa experiência?

Davi: Permita-me destacar alguns pontos que julgo relevantes para nós, fruto dessa experiência que tive a oportunidade de vivenciar.

Para mim, um primeiro ponto a ser ressaltado é a intencionalidade do pastoreio de Francisco em estabelecer uma Igreja Sinodal, uma Igreja que tem como desejo caminhar junto com aqueles que fazem no seu dia-a-dia a ação evangelizadora, que estão em contato com as alegrias e mazelas do povo do mundo todo. Depois resalto o fato de nós jovens termos vivido essa que talvez tenha sido uma das reuniões pré-sinodal com maior relevância da história, visto seus ecos em todo o processo, presente até na exortação Apostólica ‘Cristo Vive’. Um terceiro ponto a destacar, é o conceito de protagonismo pedido por Francisco, encorajando os jovens na manhã de abertura dos trabalhos: *“falem sem filtro, não tenham medo de dizer o que pensam do mundo e da Igreja, se alguém por ventura não gostar, peçam desculpas e sigam, certamente não fazem por má intenção”*. O Sínodo dos jovens teve a clara intenção de não ser para o episcopado falar sobre os jovens, mas para falar e fazer com os jovens.

Como lacunas, penso que poderia ter havido mais atenção ao objetivo do encontro e aos delegados convidados. Acho que os jovens do mundo todo não foram chamados somente para aplaudir a doutrina e aquilo que já está posto no cenário da evangelização da juventude, mas sim, para poder, a partir dos seus cenários juvenis, propor novidades capazes de ajudar na aproximação da ação pastoral da Igreja com esse mundo.

Uma Igreja aberta ao mundo juvenil e que promova o seu protagonismo vai muito além de estar aberta apenas aos jovens. Creio que é preciso ir além de fetichismos estéticos, típicos de

heranças clericalistas e das estruturas distantes das realidades. Há um clamor para que haja proximidade efetiva da vida real da juventude. A realidade da juventude latino-americana e brasileira, que diariamente é exterminada nas ruas de nossas cidades e campos, na sua maioria empobrecida e distante de qualquer atenção institucional, está carente desta proximidade.

Urge que a Igreja entenda quão necessário é aproximar-se do mundo juvenil, sem reservas. O desafio está para além de apenas fazer uma opção pelos jovens. É necessário reafirmar a opção pelos pobres, os jovens pobres, negros, indígenas, aqueles e aquelas que mais pedem urgência, pois só assim se alcançará um diálogo profícuo com o mundo juvenil e então haverá possibilidades de deixar-se arejar pela semente oculta do Verbo que existe nas juventudes, em sua pluralidade.

Maicon: O que representa em termos de evangelização da juventude a dinâmica dos processos sinodais que o Papa Francisco tem insistido?

Davi: Sínodo significa “caminhar juntos”, ou seja, indica um modo de ser no processo, indo muito além de um evento.

Para mim, uma das mais belas experiências sinodais está registrada no livro do Êxodo, quando narra a saída e a caminhada de 40 anos do povo de Deus pelo deserto, no rumo da libertação. Fico pensando que a caminhada foi a vida de muitas daquelas pessoas.

Quando já decidido pela libertação, o povo de Deus se viu encurralado, de um lado o mar e do outro o maior exército de sua época, marchando para os exterminarem. É nesse momento, de angústia, que vem a inspiração divina: “diga ao povo que marchem!” (Ex 14,15).

É só para quem ousa se pôr a caminho que a coragem brota como companheira, pois é com ela que um povo pode descobrir o caminho “seco em meio ao molhado”.

Para aqueles peregrinos, a palavra que fazia menção ao Egito

é *'mitsraim'* e significa “terra estreita”, lugar que um dia serviu de abrigo, mas hoje já não comporta mais o sonho de um povo que não quer mais ser escravo, mas que quer ser sujeito, quer se pôr a caminho.

As primeiras comunidades Cristãs tinham o costume de se chamar de “povo do caminho”, segundo o teólogo espanhol Pagola, “os primeiros seguidores de Jesus não se sentiam membros de uma nova religião. Eles não se sentiam membros de uma instituição, mas sim, homens e mulheres que descobriram um novo caminho para viver”. E ele segue com a bonita e desafiadora interpelação: “É preciso descobrir o caminho aberto por Jesus e ser seus seguidores”.

Assim, penso ser função da ação pastoral com a juventude a busca dessa mesma libertação. Juventude e êxodo são indissociáveis, visto que o jovem carrega essa sede de mudanças, juventude é sair do estreito, é tornar-se sujeito autônomo, a infância já não nos serve, mas a terra que nos prometeram demanda caminhada. E para nós ela nunca é solitária. Depois, porque somos uma ação eclesial e assim sendo, não devemos perder de vista a memória de herdeiros dessa tradição do povo de Deus que em Jesus se renovou.

Maicon: Como foi o processo sinodal? Quais foram os marcos desse acontecimento?

Davi: Olhar para as palavras do Papa Francisco dirigidas as juventudes do mundo, nesses últimos dois anos, durante o processo sinodal, é olhar para uma riqueza gigantesca de profecia e confiança na juventude.

Para compreender a mensagem do último processo sinodal é preciso um olhar mais cuidadoso para o discurso do atual pontificado. Esse olhar certamente perceberá que uma das categorias centrais em suas falas é a categoria “pobre” onde, por sua vez, deixa de ser objeto e passa a ser o agente protagonista das transformações sociais.

A relação com os pobres transcende à confissão religiosa e abre espaço para um profundo e frutífero diálogo, que sempre é entre sujeitos em pé de igualdade, e assim verdadeiramente fraterno, entre católicos e não católicos, entre crentes e não crentes. Para mim, essa abertura ao diálogo é a raiz do projeto de uma igreja sinodal, deseja de “caminhar junto” com todos aqueles dispostos a construir a Civilização do Amor.

O papel da Igreja é animar e caminhar com os homens e as mulheres de boa vontade. Exemplo desse modo de ser/viver expresso no pontificado de Francisco, está tanto no convocar uma Reunião Pré-Sinodal com jovens do mundo todo, tanto católicos como de outras religiões e jovens ateus; e também ao animar militantes dos movimentos sociais compostos por católicos e não católicos, crentes ou não crentes. E a ambos os grupos, ter na centralidade o incentivo ao protagonismo. Como quando, em 2015 na Bolívia, ao se dirigir as lideranças dos movimentos sociais Francisco disse: “É também sua participação protagônica nos grandes processos de mudanças, mudanças nacionais, mudanças regionais e mundiais. Não se apequenem!” (*Discurso de Francisco em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2015*). Essa mesma tônica foi o que guiou o papa ao encontra-se com os jovens do mundo todo na reunião pré-sinodal. “Falar com coragem. Sem vergonha, não é? Aqui a vergonha deixa-se fora da porta. Fala-se com coragem: digo aquilo que sinto e se alguém está ofendido, peço perdão e vou por diante. Vós sabeis falar assim”. (*Discurso do papa Francisco por ocasião da reunião pré-sinodal com os jovens no pontifício colégio internacional “Maria Mater Ecclesiae”, 19 de março de 2018*).

Assim, me atrevo a pensar que para Francisco a Juventude, ou melhor, a condição juvenil coloca os jovens do planeta em situação semelhante aos pobres, ou seja, percebe-a como um grupo marginalizado das esferas decisórias, onde suas percepções e ações não são levadas a sério ou vistas como perigo, propondo diante disso uma verdadeira revolução

paradigmática. A juventude (os pobres) deve ser valorizada e colocada no centro do debate global. O papa revela o desejo de que não só a sua instituição dialogue com a modernidade de forma mais eficiente, mas também que o conjunto da sociedade global vá mudando seus paradigmas e quem sabe sua epistemologia a partir dos sujeitos até então relegados as margens do mundo.

Maicon: Uma das questões que a Igreja da América Latina sempre insistiu na dinâmica da evangelização foi o “protagonismo juvenil”. Como o Sínodo foi abordando esse eixo?

Davi: O protagonismo Juvenil é uma das centralidades da Pastoral Juvenil Latino-Americana que no Brasil é representada pelas Pastorais da Juventude, pois é o elemento que garante o jovem como sujeito e não objeto da evangelização. Nesse sentido, partilho dois parágrafos centrais na exortação “Cristo Vive”, que aponta essa dinâmica como uma indicação necessária para toda Igreja: “É verdade que às vezes, perante um mundo cheio de tanta violência e egoísmo, os jovens podem correr o risco de se fechar em pequenos grupos, privando-se assim dos desafios da vida em sociedade, dum mundo vasto, estimulante e necessitado. Têm a sensação de viver o amor fraterno, mas o seu grupo talvez se tenha tornado um simples prolongamento do próprio eu. Isto agrava-se, se a vocação do leigo for concebida unicamente como um serviço interno da Igreja (leitores, acólitos, catequistas, etc.), esquecendo-se que a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e caridade política: é um compromisso concreto nascido da fé para a construção duma sociedade nova, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar as suas diversas instâncias, fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e assim estender o Reino de Deus no mundo” (Christus Vivit, 168).

“Quero encorajar-te a assumir este compromisso, porque sei

que «o teu coração, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram para as ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olheis da sacada” a vida, entrai nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... Não olheis da sacada a vida, mergulhai nela, como fez Jesus. Mas sobretudo, duma forma ou doutra, lutai pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial” (Chistus Vivit, 174).

Maicon: Quais as novidades que o Sínodo da juventude, fé e discernimento vocacional trazem para a Evangelização da Juventude no Brasil?

Davi: Deveria trazer questionamento. Se a Igreja do Brasil não ouvir de forma honesta e profunda as Palavras de Francisco em relação as juventudes e não aproveitar essa oportunidade para um bom exercício de escuta perderá uma bela oportunidade histórica de se repensar.

Na reunião pré-sinodal, os jovens latino americanos, advindos de experiências pastorais próprias, eram os sujeitos mais atentos a propor uma relação entre fé e vida, capazes de ligar suas realidades sociais com o modelo de igreja capaz de responder aos apelos de suas realidades. Vale ressaltar o quanto essa experiência pastoral também no Brasil é fruto de uma mesma vertente teológica na qual Francisco se inspira e o

quanto ela vem sendo explícita ou implicitamente silenciada e atacada por alguns membros do corpo eclesial e pelas “novas” gerações de católicos neoconservadores brasileiros. Esse modelo pastoral acaba não encontrando apoio em setores progressistas da Igreja do Brasil visto suas posturas adultocêntricas, que os torna incapazes de estabelecer uma relação estratégica capaz de perceber o lugar das juventudes na construção e sustento de uma Igreja pobre para os pobres

O produto final do processo sinodal não deve ser encarado por nós apenas como uma exortação apostólica, mais um documento a ser posto na estante de nossas bibliotecas, mas sim como uma possibilidade de repensarmos as práticas pastorais a serem vividas em cada realidade local. É na vida das juventudes que o sínodo deve ecoar.

Cabe as pastorais, movimentos, conferências, congregações e todos os envolvidos com o processo de evangelização da juventude e dispostos a construir uma igreja libertadora e verdadeiramente conectada aos sinais dos tempos, questionarem-se como estão sendo como atores construtores dos novos paradigmas possíveis na construção do Reino? Quem estão sendo seus aliados? Qual modelo eclesiológico estamos construindo? Qual a fidelidade a unidade com o papa na prática evangelizadora estamos dispostos a abraçar?

O protagonismo que somos chamados é por excelência de coragem, aquela que faltou a Pedro que o levou a negar a Cristo ou a que faltou a Pilatos que diante de um inocente por medos e melindres do poder resolveu optar pela negligência e lavar as mãos.

Uma Igreja Jovem que dialoga com os sujeitos do terceiro milênio não pode cair na mediocridade de achar que basta dominar as ferramentas de comunicação contemporâneas e propagar suas posturas arcaicas na “gíria” juvenil, sem se dar conta que a verdadeira questão está no modelo eclesiológico.

Tenhamos em mente ao falar de evangelho e juventude os milhares de jovens pobres, marginalizados que diariamente são exterminados no Brasil, as violências cotidianas que as jovens mulheres e as juventudes LGBTQ+ são submetidas pelo patriarcado e nossa cultura machista. Sejamos ousados em tornar o Sínodo da Juventude motivo para questionarmos as precarizações do mundo do trabalho, a perversa reforma da previdência, e tantas outras medidas que subjugam ainda mais nossas juventudes a situações de extrema pobreza e falta de oportunidades.

Façamos desse processo vida e “vida em abundância”

Maicon: O Papa Francisco pedia para os jovens no processo sinodal falarem “sem medo e sem filtros” num grande desejo de escutar a realidade juvenil. O que significa essa atitude nos desafios que as comunidades eclesiais enfrentam na atualidade?

Davi: Partindo da concepção que uma época de mudanças é uma época de disputas de narrativas e de projetos e que Francisco pessoalmente está propondo no âmbito eclesial uma posição clara sobre a postura da igreja, não devemos ingenuamente pensar que pelo fato dele ocupar o lugar máximo da hierarquia católica essa será facilmente a posição assumida pelos católicos e até mesmo pela hierarquia como um todo.

Um exemplo disso é a atual posição dos novos católicos de direita estadunidenses, que segundo o historiador Massimo Faggioli são *“hoje uma geração composta tanto por leigos, padres, seminaristas e até alguns bispos que interpretam um catolicismo teologicamente neo-ortodoxo, moralmente neointegralista, politicamente antiliberal e esteticamente neomedievais”*.

É preciso termos cuidado ao comparar essas definições com nossos exemplos locais, a formação cultural do Brasil tem suas vastas diferenças com os Estados Unidos da América, mas penso que em algum aspecto vale essa síntese para nos ajudar a provocar e perceber essas configurações em nosso país, essa

“disputa” muitas vezes velada, mas atuante na narrativa católica contemporânea. Uma opção pelos jovens sem uma opção pelos pobres é um risco que não se pode correr

Maicon: Como a Pastoral da Juventude tem trabalhado o Sínodo em seus grupos de jovens? Quais as possíveis formas de aprofundar?

Davi: A Pastoral da Juventude vem vivendo de forma intensa o processo sinodal, desde suas primeiras discussões até agora com os desafios de se viver a Exortação Apostólica *Cristo Vive*. Nossas ações foram desde construção de rodas de conversas para os grupos de jovens de todo o Brasil a partir dos textos sinodais até um profundo debate em nossa organicidade, olhando para o modelo sinodal, horizontal e dialogável buscamos radicalizar essa opção de Igreja em saída.

A nível nacional duas discussões são nossos carros chefes, a “Campanha Nacional de Enfretamento aos Ciclos de Violência Contra as Mulheres” que visa denunciar as mazelas sofrida pelas nossas irmãs, diariamente em todo o Brasil e anunciar que um novo mundo necessita de novos homens e novas mulheres, livres das manchas do patriarcado tão destrutivo a toda expressão de justiça e fraternidade; outro foco de nossa ação está na caminhada jubilar da Pastoral da Juventude que irá celebrar seus 50 anos no ano de 2022, sendo que até lá somos chamados a fazer um mutirão da memória e dos desafios pastorais que nos cercam, pois só com uma ação coletiva onde todos tenham voz e vez é possível viver a organicidade de uma instituição sempre atenta aos sinais dos tempos.

No entanto cabe um alerta, temos consciência que como juventude organizada em grupos de jovens católicos, somos uma pequeníssima parcela dos cerca de 50 milhões de jovens brasileiros, nossas ações buscam ser “sal da terra e luz do mundo”, nossa missão é ser uma Igreja capaz de dar testemunho público de nossa fé, que não sossegará até que cada jovem,

homem e mulher, crente ou ateu, de todas as etnias possam gozar de uma vida plena de dignidade e justiça.